

VISAGES D'ENFANTS / 1923-1925

A Segunda Mãe

Um filme de Jacques Feyder

Realização: Jacques Feyder / Argumento: Jacques Feyder, Fraçoise Rosay, Dimitri Zoubaloff / Direcção de Fotografia: Léonce-Henri Burel, Paul Parguel / Interpretação: Rachel Devyris (Jeanne Dutois), Jean Forest (Jean Amsler), Victor Vina (Pierre Amsler), Arlette Peyran (Arlette Dutois), Pierrette Houyez, (Pierrette Amsler), Suzy Vemon (a mãe de Jean), Henri Duval (o padre, padrinho de Jean), Jeanne-Marie Laurent (a criada), Arthur Porchet (o outro padre), etc.

Produção: Mundus-Film, Lausanne e Paris (Charles Schuepbach); Société Zoubaloff et Porchet, Lausanne; Société des Grands Films indépendants, Paris / Cópia: 35mm, preto e branco e tintada, muda com intertítulos em francês e holandês, legendada eletronicamente em português, restaurada em 1993 pelo Nederlands Filmmuseum / Duração: 104 minutos (a 21 imagens por segundo) / Estreia Mundial: Paris, 24 de Janeiro de 1925 / Estreia em Portugal: Condes, 9 de Novembro de 1926.

ACOMPANHADO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Visages d'Enfants é mais um daqueles filmes cuja existência foi recheada de atribulações. A começar pela sua estreia, uma vez que o filme foi rodado em 1923 (aproveitando as paisagens montanhosas da Suíça) e apenas apresentado ao público quase dois anos depois, devido a um diferendo jurídico entre Jacques Feyder e os distribuidores franceses. Essa estreia seria, no entanto, inglória, uma vez que o filme se revelaria um estrondoso fracasso comercial, ao qual não terá sido alheio o desprezo que a corrente vanguardista (onde pontificavam Abel Gance, Marcel L'Herbier ou Jean Epstein), que dominava então o cinema francês, lhe votou. Com o insucesso comercial, toda a gente se desinteressou do filme, e o negativo acabou por desaparecer. Até que, mais de sessenta anos depois, sob a direcção de Jacques Ledoux, da Cinemateca Real da Bélgica, seria apresentada uma cópia restaurada do filme, conseguida a partir de duas cópias incompletas existentes nas cinematecas francesa e belga. Essa cópia estrearia em 1988, já depois da morte de Ledoux. A cópia que vamos ver não é essa mas uma outra restauração feita em 1993 pela cinemateca holandesa, e é deslumbrante, permitindo apreciar todo o fulgor das imagens captadas pelo grande operador Léonce-Henri Burel (que, mais tarde, viria a ser o director de fotografia de alguns dos melhores filmes de Robert Bresson) e por Paul Parguel.

O percurso de Jacques Feyder é curioso. Belga de nascimento e oriundo de uma família da alta burguesia, renegaria a sua "origem de classe" para se tornar actor. Conheceu então Fraçoise Rosay, com quem se casaria e viveria até à morte, e que para além de actriz colaborou em muitos dos argumentos (segundo algumas fontes, partilhou mesmo a realização de alguns filmes) do seu marido. Feyder foi actor em filmes de Louis Feuillade e Victorin Jasset antes de se tornar argumentista e, posteriormente, realizador. O prestígio granjeado enquanto tal (foi ele o realizador do célebre **La Kermesse Héroïque**) levou-o inclusive a Hollywood onde, entre outros, dirigiria **The Kiss**, com Greta Garbo. Regressado à Europa, refugiar-se-ia na Suíça durante a ocupação

nazi da França, preferindo não trabalhar de todo a colaborar com os invasores. A amargura decorrente da situação levou-o a cair no alcoolismo, e viria a morrer numa clínica suíça, em 1948, ano das mortes de Griffith e Eisenstein.

Na altura de **Visages d'Enfants** Jacques Feyder estava ainda a estabelecer a sua reputação, e colocava-se ainda na galeria das "promessas". O seu visionamento leva-nos a dar razão a René Clair quando este, em 1970, afirmava que Feyder não ocupava então o lugar "que o seu trabalho e o seu exemplo mereciam". O filme de hoje é um melodrama familiar muito próximo da perfeição absoluta (ainda para mais, como já dissemos, apresentado numa cópia magnífica) que revela um cineasta em plena capacidade criativa e com um domínio magistral das possibilidades cinematográficas, com algumas sequências admiráveis em termos de eficácia e economia narrativa. A rodagem em cenários naturais, nas montanhas ao Haut Valais, na Suíça, permite a Feyder uma utilização particularmente expressiva da natureza, que em alguns momentos faz mesmo lembrar o cinema de David Wark Griffith. Em particular, o facto de em **Visages d'Enfants** a natureza não ser apenas "paisagem" mas, pelo contrário, ter um papel definitiva e decisivamente actuante, seja como agente narrativo seja como elemento significativo, como acréscimo de sentido. Essa fusão com a natureza atinge os seus pontos máximos nas sequências da avalanche que quase mata a pequena Arlette e na tentativa de suicídio de Jean, quando este se atira para o rio (e, a propósito desta sequência, será exagerado ver no rio, enquanto elemento aquático propício à identificação com o útero materno, uma última tentativa de recuperação da mãe por parte de Jean?). A natureza não é, então, mero décor mas pelo contrário elemento narrativo essencial, catalisador da acção e componente fundamental, pela sua dureza, da caracterização psicológica das personagens. Por outro lado, cumpre também um papel desbanalizador do centro narrativo do filme, que, tratando da história de um miúdo que não aceita a sua madrastra, poderia, nas mãos de um cineasta menos arguto, cair facilmente num "tearjerk" sem grande subtilidade. Se isso não acontece é porque Feyder, cuidando rigorosamente a psicologia das suas personagens, lhes incute uma força interior sublinhada, precisamente, pela agrura do meio em que vivem e que nos leva a afastar durante todo o filme os sentimentos de "compaixão" ou de "pena".

A mestria de Jacques Feyder revela-se em pleno logo na primeira sequência, a todos os títulos prodigiosa. Depois de alguns planos destinados a traçar uma localização espacial da acção, entramos dentro de uma casa onde decorre um velório. Com apenas um plano, Feyder introduz-nos então no cerne do drama: ao mostrar, num plano assimétrico (onde se sente a necessidade de um terceiro elemento para "compor" o quadro) um pai e um filho em sofrimento, compreendemos imediatamente quem morreu, quem falta naquela imagem, e que é obviamente a mãe. Logo de seguida Feyder coloca-nos no ponto de vista sob o qual se ergue o filme, e que é o de Jean: uma rápida sucessão de planos subjectivos nele centrados, a começar por um contra-picado do pai. Duas questões essenciais em qualquer filme (o motor narrativo e o ponto de vista dominante) são explicitados de forma imediata, claríssima e surpreendentemente económica. A justeza de estilo que Feyder encontra para os diferentes acontecimentos torna-se evidente também desde o princípio: aos enquadramentos rigorosos e solenes do velório segue-se a montagem rápida e alternada do funeral, transmitindo não só a perturbação de Jean como a sensação de irrealidade que reveste qualquer funeral de um ente querido.

Nessa "justeza de estilo" podemos ver, finalmente, o grande mérito de Feyder. Uma economia narrativa que implica um máximo de significação por plano e a capacidade de encontrar correspondência física para as motivações e angústias interiores das suas personagens: as dificuldades que Jean, após o seu regresso, experimenta para conseguir entrar em casa não são mais do que a imagem do seu constrangimento psicológico em enfrentar a nova situação, depois do pai se ter voltado a casar. Se tudo o mais não houvesse, só a subtilidade e sobriedade da "mise-en-scène" seriam razões mais do que suficientes para justificar a inclusão de **Visages d'Enfants** numa lista dos grandes filmes "escondidos" da história do cinema.